

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE
CURSO DE PSICOLOGIA

SABRINA FRANÇA LEME

**CONSIDERAÇÕES PSICANALÍTICAS SOBRE A CONSTITUIÇÃO DA
FEMINILIDADE E O DESEJO DE MATERNIDADE**

SÃO PAULO

2018

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE
CURSO DE PSICOLOGIA

SABRINA FRANÇA LEME

**CONSIDERAÇÕES PSICANALÍTICAS SOBRE A CONSTITUIÇÃO DA
FEMINILIDADE E O DESEJO DE MATERNIDADE**

Trabalho de Conclusão de Curso realizado
como exigência parcial para graduação no
Curso de Psicologia da PUC-SP, sob
orientação da Prof^ª. Dra. Ana Maria Trapé
Trinca.

SÃO PAULO

2018

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora, Prof^a. Dra. Ana Maria Trapé Trinca, pelos ensinamentos e pela dedicação ao meu trabalho, que não teria acontecido sem seu apoio. Pela compreensão e ajuda durante um dos períodos mais desafiadores dentro da Universidade. Pelo seu olhar enriquecedor, ao meu trabalho e, acima de tudo, à mim.

Ao meu parecerista, Prof. Dr. Plínio de Almeida Maciel Júnior, pelos essenciais ensinamentos ao longo da graduação, e por aceitar com carinho compartilhar o seu olhar diante deste trabalho.

À minha psicóloga, Fernanda, por não me deixar desabar.

Aos meus poucos colegas e amigos, que tornaram menos doloroso o meu percurso nesta cidade.

À minha família, pelo suporte e por não deixarem, por um segundo, de acreditar em mim.

Ao Pedro, meu companheiro, melhor amigo e amor, por ter estado ao meu lado sempre. Por acolher no seu abraço cada sofrimento meu, e também cada alegria.

Essencialmente aos meus irmãos, Isadora, Lorena e Pedro, a quem devo a motivação para existir no mundo, a energia despendida em cada desafio, e a razão oculta de cada sorriso dado. Por me ensinarem a cada dia o que é amar, e por me darem força, mesmo de longe, para continuar.

7.07.00.00-1 – Psicologia

Título: Considerações Psicanalíticas Sobre a Constituição da Feminilidade e o Desejo de Maternidade

Ano: 2018

Autor: Sabrina França Leme

Orientador: Prof^ª. Dra. Ana Maria Trapé Trinca

RESUMO

Objetivando esclarecer e desconstruir a atribuição social de um desejo de maternidade natural à mulher, o presente estudo envolve a realização de uma pesquisa teórica. Inicialmente, se faz um recorte de diferentes épocas e culturas ocidentais que corroboraram com a construção social que associa a imagem da mulher à maternidade, passando pelas diferentes concepções de feminilidade desenvolvidas por autores da psicanálise e realizando uma comparação entre as teorias freudianas sobre a mulher e as considerações de psicanalistas pós-freudianos e contemporâneos. Posteriormente coloca-se em pauta a concepção de instinto para a psicanálise, buscando problematizar a ideia de instinto materno. Assim, são abordados diferentes elementos que podem influenciar o desejo – ou ausência dele – de ser mãe, e como a imagem da mulher materna presente no imaginário social atravessa a individualidade de mulheres da sociedade contemporânea.

Palavras-chave

Maternidade, feminismo, mulher, psicanálise.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	6
MÉTODO.....	7
CAPÍTULO 1 - A MULHER-MÃE, CONSTRUÇÕES SOCIAIS.....	9
CAPÍTULO 2 - FEMINILIDADE E MATERNIDADE: O PONTO DE VISTA FREUDIANO.....	15
2.1. A questão da diferença sexual.....	15
2.2 O desenvolvimento sexual feminino.....	18
2.3. A inibição sexual ou neurose.....	22
2.4. O complexo de masculinidade.....	23
2.5. A feminilidade normal.....	23
CAPÍTULO 3 - PSICANÁLISE: OUTRAS PERSPECTIVAS.....	26
CAPÍTULO 4 - NATUREZA VS CULTURA: O MITO DO INSTINTO MATERNO.....	33
4.1. Uma breve discussão sobre o instinto.....	33
4.2. Cultura e subjetividade.....	35
4.3. O desejo e a ausência dele.....	38
DISCUSSÃO.....	42
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	46
REFERÊNCIAS.....	48

INTRODUÇÃO

Desde o início da faculdade de Psicologia me percebo interessada pela psicanálise, mas ao longo do percurso dentro da Universidade entrei em contato com questionamentos a respeito das teorias freudianas, kleinianas e winnicottianas, questionamentos estes advindos de afinidades com o feminismo.

Sempre acreditei que o conteúdo transmitido deveria passar por uma interpretação que reconhecesse o sentido simbólico das teorias psicanalíticas. Ao mesmo tempo, buscava pesquisar por autores contemporâneos da psicanálise, que discorressem sobre críticas construtivas a respeito do pensamento freudiano, e trouxessem novas propostas. Foi assim que imergi em meu tema atual. Ao conhecer as considerações de Maria Rita Kehl e pesquisar sobre suas opiniões sobre o feminino, descobri que a psicanálise se renova, e reconheci a temporalidade de cada uma das teorias psicanalíticas. Deixei de lado a dúvida colocada pelo pensamento feminista que me fazia associar a psicanálise ao machismo e passei a procurar por diferentes perspectivas dentro dessa mesma abordagem.

A curiosidade pelo tema do desejo pela maternidade, por sua vez, foi algo que me despertou curiosidade ao estudar a concepção de feminilidade para Freud, que considerava que dentre os três destinos possíveis para a mulher, o ideal fosse o da maternidade. Busquei, então, entender o que novas autoras, psicanalistas e, inclusive, feministas, traziam sobre o assunto. Desta forma, meu objetivo é trazer à tona as diferentes formas de ser mulher, colocando em pauta que a mulher contemporânea existe em meio a possibilidades diversas, e dentre seus mais diferentes desejos e formas de ser, cada uma tem sua individualidade, considerando que tal individualidade não envolve, necessariamente, o desejo de ser mãe.

Considero, assim a subjetividade da mulher e procuro explicar como, dentro das mais variadas possibilidades, esse desejo pode – ou não – existir. Investigo as possíveis relações de causalidade para com esse desejo ou a ausência dele, bem

como as possíveis interpretações psicanalíticas sobre as mais diferentes formas de a mulher se relacionar com a possibilidade de maternidade.

MÉTODO

Foi realizado um estudo teórico a respeito da imagem da mulher e sua ligação com a maternidade. A pesquisa teórica, no caso fundamentada nas teorias psicanalíticas, se justifica pois busca aprofundar, cada vez mais, o entendimento de aspectos subjetivos constituintes da identidade e da personalidade do objeto de estudo, tratando, no caso deste trabalho, da mulher e da sua ligação com a maternidade. Para tanto, a partir de buscas em bibliotecas, sites de busca em internet, como Scielo, Pepsic, Google Acadêmico, sites de universidades etc., foram consultados inúmeros livros, artigos científicos, sites, etc.

A pesquisa teórica em psicanálise descreve um estudo sobre o inconsciente, em que deve-se levar em conta a subjetividade, a singularidade e a constituição psíquica do indivíduo. Para isso, um dos elementos norteadores deste trabalho foi o texto “A feminilidade” de Freud (1933/2014) e, como forma de contraponto, a obra de Maria Rita Kehl, *Deslocamentos do feminino: A mulher freudiana na passagem para a modernidade*. (1998/2016). Num primeiro momento, portanto, foi realizada a leitura de tais obras e feito um fichamento que considerasse os aspectos que seriam mais relevantes para a discussão. Posteriormente foram encontrados artigos que serviriam de suporte para a elaboração e argumentação do tema.

Por fim, como meio de enfatizar as diversas facetas do fenômeno da escolha por ter ou não ter filhos, a pesquisa de Rios & Gomes (2009): “Casamento contemporâneo: revisão de literatura acerca da opção por não ter filhos”, que representa um estudo específico sobre o tema, foi fundamental para concluir este trabalho.

A pesquisa seguiu o seguinte trajeto e teve como base os seguintes pontos importantes: Introdução: uma breve apresentação sobre o processo percorrido até a elaboração do tema e dos objetivos do trabalho; Capítulo 1 - A mulher-mãe, construções sociais: foi realizado um breve esclarecimento a respeito do percurso

histórico da feminilidade numa cultura ocidental; Capítulo 2 - Feminilidade e maternidade: o ponto de vista freudiano, que propôs a apresentação dos estudos de Freud sobre a constituição da feminilidade e suas relações com a maternidade; Capítulo 3 - Psicanálise: outras perspectivas, que trouxe uma reflexão a respeito de ideias de autores pós freudianos sobre o feminino e a maternidade que se contrapõem às de Freud; Capítulo 4 - Natureza vs Cultura: o mito do instinto materno, em que foi abordada uma desmistificação da cultura dominante a respeito da naturalidade do “ser mãe”, juntamente à apresentação de algumas pesquisas que serviram de suporte para a argumentação a respeito dos elementos multifacetados que, de fato, podem influenciar no desejo de ser mãe.

A Discussão, por sua vez, teve como finalidade refletir sobre os aspectos estudados, como o questionamento a respeito da naturalização da mulher como indivíduo destinado à maternidade, de forma a possibilitar uma problematização do conceito de feminilidade não somente para a cultura, mas também para a psicanálise. Por fim, as Conclusões Finais trouxeram as questões, conclusões e dificuldades que surgiram no decorrer da elaboração da pesquisa.

CAPÍTULO 1 - A MULHER-MÃE, CONSTRUÇÕES SOCIAIS

A história da feminilidade foi construída conjuntamente a um contexto histórico e cultural. Desta forma, busca-se conhecer alguns caminhos traçados até a construção do conceito de feminilidade na cultura ocidental.

A história da concepção do papel da mulher tem um longo caminho percorrido; ela já foi parte da costela do homem, bruxa perseguida, deusa sobre-humana, objeto de desejo e luxúria e mãe cuidadora. Em determinados contextos históricos, por exemplo, a mulher era associada a Satã, já que o enigma de seus corpos provocava medo na sociedade da época.

A humanidade, ao longo dos séculos, adorou e temeu o que não conseguia explicar e as criaturas capazes de gerar vida, conhecedoras dos segredos da fertilidade, que plantavam e colhiam, e cuja própria vida era governada por ciclos sangrentos dos quais sobreviviam, só poderiam ser vistas como detentoras de poderes sobrenaturais. Mulheres que, como amantes, mães ou filhas, eram associadas ora às Deusas, ora a Satã. (LOBO, 2008, p.67)

A partir do século XVIII havia uma preocupação com a mortalidade infantil, de forma a se tornar necessário o cuidado materno para com os filhos, e as mulheres deixaram de ser vistas como na Idade Média, figura perigosa e diabólica. Esta imagem ideal de mulher construída culturalmente, em contrapartida com o movimento liberal e igualitário da época, tinha de ser justificada de alguma forma. Neste contexto, médicos e pensadores passaram a olhar para o corpo feminino e estudá-lo. Assim, “esse dilema foi resolvido pela ancoragem da diferença sexual e cultural dos sexos em uma biologia da incomensurabilidade, na qual homens e mulheres foram pensados como radicalmente diferentes” (LAQUEUR¹, 1987 apud NUNES, 2011, p. 103 - 104).

¹ Laqueur, T. (1987) *Orgasm, generation and politics of reproductive biology*. California: University of California Press.

No modelo familiar burguês a existência da mulher deveria ter foco no cuidado dos filhos e da casa, e acreditava-se na distinção entre o corpo e a alma da mulher em relação ao do homem. Paralelamente, passou a existir uma atenção maior à educação feminina, que reformulava a imagem da mulher, ensinando-a a ser modesta, sensata e ponderada. As mulheres que não se encaixavam nos moldes eram tidas como uma ameaça à ordem social e à espécie, e seu desregramento era tratado como patologia.

É dentro desse contexto que a história da feminilidade é marcada: é construído socialmente a ideia de que a mulher deve submeter suas energias somente aos cuidados do lar. As teorias de pensadores da época, como Freud, por exemplo, colaboram com considerações que colocam a mulher como figura passiva ao homem, possui em sua natureza psíquica o desejo intrínseco de ser mãe.

Segundo Scott et al. (2012), inclusive nas famílias em que o trabalho feminino era incentivado e essencial para o orçamento familiar, a oposição em relação à atuação das mulheres no mercado de trabalho se tornou crescente. As mulheres que trabalhavam como atrizes, bailarinas, cantoras, operárias, e qualquer outro trabalho que não fosse relacionado ao cuidado – como professora e enfermeira – eram consideradas prostitutas”. No Brasil, por exemplo,

[...] as mulheres só adquiriram o direito de trabalhar sem a autorização do marido em 1943 e apenas com o Estatuto da Mulher Casada (1962) é que se retirou do Código Civil o direito do marido de impedir sua esposa de trabalhar fora do domicílio. (idem, p.142)

Após o fim da Segunda Guerra Mundial, em 1945 se desenvolveu um modelo conservador de família, em que os homens trabalhavam e as mulheres ficavam em casa. Ao mesmo tempo, segundo Scavone (2001), ocorria a aceleração da industrialização e urbanização, e o advento da contracepção medicalizada, mais especificamente a pílula contraceptiva, que permitiu uma revolução na vida feminina, tornando a mulher livre para ter uma vida sexual e, ao mesmo tempo, decidir se opta pela maternidade ou não.

Neste cenário ocorria a primeira onda do feminismo, descrito como “igualitário”, por meio do qual as mulheres reivindicavam por seus direitos e pela

equidade de justiça entre os dois sexos. Paralelamente a isso, em 1949, Simone de Beauvoir² lança o livro “O Segundo Sexo”, pondo em pauta questões como aborto, liberdade sexual, e questionando os significados da maternidade naquela época.

[...] um elemento chave para explicar a dominação de um sexo sobre o outro: o lugar das mulheres na reprodução biológica – gestação, parto, amamentação e consequentes cuidados com as crianças – determinava a ausência das mulheres no espaço público, confinando-as ao espaço privado e à dominação masculina. (SCAVONE, 2001, p.138 - 139)

Juntamente com uma maior empregabilidade, no período da modernização das linhas de produção da indústria, mudanças comportamentais foram desenvolvidas entre as mulheres, propagadas pelos movimentos feministas de segunda onda – chamado de diferencialista – que por sua vez, ocorreu dos anos 60 aos anos 80. Com a explosão econômica pós-guerra e o rápido incremento dos padrões de vida as mulheres buscavam aumentar a consciência da desvantagem feminina em relação ao trabalho e família, enfatizando os estereótipos construídos pela sociedade da época. O feminismo diferencialista passa a enfatizar os atributos femininos e busca valorizá-los, desta forma, a maternidade passa a ser vista com admiração: poder único e exclusivo da mulher, o qual os homens invejam.

No Brasil, por exemplo, ocorria mais liberdade ao movimento a partir de 1975, e com a ditadura militar se enfraquecendo as feministas impunham sua oposição às injustiças e à desigualdade de direitos. Numa tentativa de dar visibilidade a esse movimento que ocorria em diversos países do mundo, forças políticas externas apoiaram a criação do Dia Internacional da Mulher. “Diz-se que esta foi adotada em honra às 129 mulheres que morreram em uma tecelagem norte-americana no dia 8 de março de 1857 quando o dono da fábrica, diante da greve realizada pelas operárias, ateou fogo ao galpão com todas as mulheres presas dentro do prédio” (GARCIA, 2011).

“No entanto, apesar da crítica feminista ter partido da constatação da diferença biológica entre os sexos, considerando-a um defeito, ela acaba mostrando

² O livro faz uma análise da situação das condições da mulher na época e representa uma das mais importantes obras para o movimento feminista . Publicado em 1949.

que a dominação de um sexo sobre o outro só pode ser explicada social e não biologicamente” (SCAVONE, 2001, p.141). Isto significa que atualmente o feminismo reconhece a maternidade de outra forma: ao mesmo tempo em que não a nega, também não a enaltece. Considera-se que não é o fator biológico que marca a diferença entre os sexos, mas sim a ideologia que coloca os homens numa posição de dominação e que atribui à maternidade um significado social.

Ou, ainda, àquelas que, a exemplo da “teoria dos papéis” parsoniana, atribuíram à mulher um *papel expressivo* dentro da família (pois ela exprimiria melhor a vida afetiva da mesma) e ao homem um *papel instrumental* (de ligação à sociedade e de provedor dos bens da família), possibilitando-nos pensar a maternidade como parte deste papel, o que contribuiria para o *funcionamento do sistema social*. (SCAVONE, 2001, p.142)

O feminismo rompeu e ainda rompe com rótulos e ideias pré concebidas relacionadas à função biológica e social da mulher, além de questionar a maternidade e possibilitar a visão crítica sobre seu significado: é realização, mas também é opressão. “A crítica feminista contribuiu para o questionamento mais profundo, sob a ótica de gênero, sobre o ‘lugar da mãe’ em relação ao ‘lugar do pai’ na família e na sociedade” (SCAVONE, 2001, p.146). Apesar dessa revolução, o padrão imaginário de mulher ainda parece influenciar a personalidade das mulheres do século XIX, que conviveram com o machismo estrutural durante toda a sua vida, e, de certa forma, podem ter internalizado certos papéis sociais.

O estudo de Stasevskas³ (1999) sugere que tanto o desejo quanto a maneira de ser mãe sofrem influências muito antigas e ainda muito atuais, mesmo diante das mudanças de transição de papéis sociais, levando-se a evidências de um descompasso entre a antiga e a atual condição da mulher e o modo de ser mãe. (COUTINHO & SARAIVA, 2008, p.766)

Por isso, mesmo com a autonomia e independência da mulher contemporânea, protagonista dos ideais feministas, os valores sociais ainda estão sendo transformados, e a maior parte da responsabilidade pelo lar e pelos filhos recai sobre a mãe. Apesar de a feminilidade não estar necessariamente atrelada à

³ Stasevskas, K. O. (1999) Ser mãe: narrativas de hoje. Dissertação (Mestrado em Saúde Pública), Universidade de São Paulo, São Paulo.

maternidade, considerando as transições de tempo, cultura e valores sociais, ela ainda carrega esse estereótipo.

Apesar do aumento da contribuição feminina para o orçamento da família e da constatação da chefia de domicílios encabeçada por mulheres, nos núcleos familiares, os cuidados dos filhos e encargos domésticos continuam majoritariamente sob responsabilidade das mulheres, sobrecarregando seu cotidiano envolto numa “dupla jornada”. (SCOTT *et al.*, 2012, p. 146)

Desta forma, a mulher contemporânea participa da transição entre conservadorismo e uma modernidade que confronta o papel papel social materno da mulher. A sociedade e sua cultura atravessam a personalidade da mulher no sentido em que projetam, através das construções ideológicas sobre sua imagem, a sua personalidade perfeita.

Atualmente, ao mesmo tempo em que ambos, mulheres e homens, realizam as mesmas tarefas, as mulheres ainda têm de lidar majoritariamente sozinhas com a responsabilidade pelos filhos. Isto implica numa sobrecarga feminina, como efeito de uma sociedade que evolui num aspecto e retrocede em outro – ainda que com as mesmas potencialidades, o manejo da casa e dos filhos se vincula prioritariamente a um papel materno e feminino. Segundo Coutinho & Saraiva (2008, p. 766):

De acordo com Costa⁴ (1999), o romantismo amoroso veio favorecer a formação da família, o cuidado com as crianças, a conversão das mulheres em mães, coroando as injunções cristãs, sobretudo as de origem puritana. Na época atual, no entanto, a família, o pudor, a vergonha, a repressão sexual, o respeito pela intimidade, a sacralidade do matrimônio, o objetivo de reprodução biológica, a dissimetria entre homens e mulheres no que concerne à liberdade sexual, todos esses elementos que aureolavam o amor romântico estão definhando e uma velocidade vertiginosa.

O conceito de feminilidade tem sido desconstruído e ao mesmo tempo alimentado. Tal conceito está diretamente atrelado à maternidade, já que carrega um determinismo biológico que indica que este é o destino da mulher. Segundo Scavone (2001) a maternidade se transforma de acordo com as pressões demográficas,

⁴ Costa, J. F. (1999) As práticas amorosas na contemporaneidade. *Psychê - Revista da Psicanálise*, São Paulo.

natalistas ou controlistas, e também de acordo com as diferentes pressões feministas e os desejos pessoais de cada mulher.

Diante dessa ambiguidade, os papéis exigidos da mulher vão de encontro com a sua subjetividade individual. Como esses fatores combinados podem influenciar em seu desejo de ser mãe? Segundo Scavone (2001, p. 150), “[...] com toda a certeza, a maternidade ainda separa as mulheres socialmente dos homens e pode até legitimar, em determinados contextos, a dominação masculina”. Isto significa que, atualmente, a mulher se encontra no dilema da feminilidade: ser mãe pode ser visto como fardo ou como realização pessoal. Quais variáveis estão atreladas a esse desejo ou à falta dele? Como a psicanálise acompanha esse movimento?

CAPÍTULO 2 - FEMINILIDADE E MATERNIDADE: O PONTO DE VISTA FREUDIANO

Ao considerar o percurso freudiano em relação à conceituação da formação da personalidade da mulher, deve-se levar em conta o contexto histórico e social da época. Falar da Viena imperial abarca diversos fatores a serem considerados, como o fato de que naquela época era vigente o pensamento tradicional sobre a família e a mulher.

No entanto, as obras freudianas não estão direta e unicamente ligadas a esse contexto, pois as ideologias e costumes não foram as únicas variáveis associadas aos seus estudos. Nitidamente, suas teorias inovadoras como a do inconsciente, transferência, complexo de Édipo, etc, não têm origem apenas na observação do mundo ilustrado à sua volta. Segundo Fiorini (2009), o pensamento freudiano se ocorreu a partir de uma influência de diferentes códigos culturais de sua época, mas também respondem a um suporte epistêmico, à um modo de pensamento que teve como base as propostas da modernidade. Isto significa que ambos os elementos estão em relação na teoria proposta por Freud.

Ao mesmo tempo em que, neste cenário, havia se estruturado um pensamento conservador, o lugar da mulher era questionado por um movimento liberal de mulheres feministas. Portanto, aparentemente, diferentes linhas de pensamento percorreram os caminhos pensados por Freud para a criação de suas teorias, dentre elas as ideias feministas modernas de encontro com o classicismo. Desta forma, segundo Fiorini (2009, p. 124) “[...] essas correntes coexistiram com suas próprias e diversas experiências, manifestando-se, em parte, em suas propostas teóricas sobre as mulheres e a diferença sexual, com todas as suas contradições.”

O discurso freudiano, por sua vez, coloca a mulher numa posição enigmática e diferente do homem, em que o campo do masculino e do feminino são separados em polaridades.

2.1. A questão da diferença sexual

Freud, em sua conferência sobre a feminilidade, em 1933, discorre sobre experiências observadas a respeito do feminino, considerando-o um enigma. Neste momento de seus estudos, o autor declara que seria quase impossível descrever o que é a mulher, e objetiva, então, investigar o seu vir a ser desde o período de bissexualidade da infância. Para introduzir o assunto o autor pontua a diferença sexual e biológica dos corpos, enfatizando que a certeza oferecida pela ciência da anatomia é válida até determinado ponto, e não muito além dele. Neste aspecto, cabe pontuar que o autor não partilhava da mesma visão biologicista construída a partir do século XVIII – que atribuía ao corpo da mulher as características que a diferenciava do homem e a ligava à maternidade.

Existe uma clara distinção física e sexual entre o “macho” e a “fêmea”, mas a forma com que estes fatores influenciam os demais órgãos e características do corpo é variável. Para Freud (1933/2014), a proporção entre masculino e feminino se misturam em cada indivíduo, além de estarem sujeitas a relevantes variações.

Também é importante chamar a atenção para a questão da bissexualidade: em ambos os corpos, femininos e masculinos, se encontram também ambos os órgãos sexuais, ainda que o órgão masculino se encontre atrofiado no corpo feminino e vice-versa. [...] “como se o indivíduo não fosse homem ou mulher, mas sempre as duas coisas, apenas um tanto mais de uma que da outra” (FREUD, 1933/2014, p.265).

As colegas de Freud questionavam algumas das colocações dos analistas homens, alegando que estes ainda carregavam preconceitos em relação à mulher, e ele declara: “De nosso lado, situando-nos no terreno da bissexualidade, não foi difícil evitar qualquer indelicadeza. Precisamos apenas dizer: ‘Isso não vale para vocês. Vocês são uma exceção, mais masculinas do que femininas nesse ponto’” (FREUD, 1933/2014, p.269).

Desta forma, questiona-se o que define a feminilidade ou a masculinidade, já que estas não se resumem somente à anatomia e/ou à sexualidade, e que quando se trata de comportamento, seres de ambos os sexos apresentam tanto

características femininas quanto masculinas. Freud (1933/2014) aponta que ao atrelarmos a feminilidade ao “passivo” e a masculinidade ao “ativo” estamos reduzindo o caráter psicológico do masculino/feminino à sexualidade, além de desconsiderar as classes de animais em que as fêmeas são mais agressivas. Quando se trata do olhar para o ser humano, o afastamento do âmbito sexual permite a percepção do fato de que muito das características do Ser podem se perder numa visão reducionista.

Mesmo no âmbito da vida sexual humana vocês logo percebem como é insatisfatório identificar a conduta masculina com a atividade e a feminina com a passividade. Em todo sentido a mãe é ativa em relação ao filho, mesmo do ato de mamar podemos dizer tanto que ela dá de mamar à criança como que deixa a criança mamar. [...] As mulheres podem despender grande atividade em diferentes áreas, e os homens não podem conviver com seus iguais se não desenvolverem um alto grau de passiva docilidade. Se vocês agora disserem que esses fatos demonstrariam justamente que tanto os homens como as mulheres são bissexuais no sentido psicológico, concluirei apenas que decidiram fazer ‘ativo’ coincidir com ‘masculino’ e ‘passivo’ com ‘feminino’. Mas aconselho que não o façam. [...] (FREUD, 1933/2014, p.267)

Desta forma, considera-se que a mulher pode apresentar passividade em maior ou em menor grau, e isso deriva de seu papel na função sexual – já que na época acreditava-se que o óvulo recebe passivamente a célula sexual do homem, pois o fato de que o óvulo escolhe o espermatozóide ainda era desconhecido. Mas, ainda que numa época de cultura conservadora, o autor não deixa de enaltecer o papel da organização social para a passividade feminina, organização esta que “igualmente empurra a mulher para situações passivas” (FREUD, 1933/2014, p. 268). A imposição da passividade da sociedade sobre a mulher, para o autor, exige dela uma supressão da agressividade, causando, desta forma, os impulsos masoquistas que se apresentam eroticamente. Por isso é que o masoquismo é considerado, na teoria freudiana, como uma característica feminina, e que os homens que a possuem revelam traços femininos.

Segundo Freud (1933/2014), a garota, via de regra, apresenta uma personalidade menos agressiva, teimosa e auto suficiente. Aparentemente ela tem

uma necessidade maior de demonstração de carinho, e isso faz com que seja mais dócil e dependente. Também considera a possibilidade de que ela aprende o controle dos esfíncteres com mais facilidade e rapidez como uma consequência da docilidade, na primeira concessão obtida da vida instintual infantil – um presente dado às pessoas que dela cuidam.

É possível notar, a partir de algumas considerações freudianas, que o autor é muito avançado para o seu tempo – com suas reflexões sobre as imposições da sociedade sobre o comportamento feminino, e ao ponderar que a feminilidade não deveria ser reduzida à passividade, por exemplo – e ao mesmo tempo carrega pensamentos com traços tradicionalistas arraigados, como no argumento mencionado, de que qualquer desconforto com suas colegas mulheres poderia ser contornado se os analistas justificassem que estas eram mais masculinas do que femininas. Por isso, se mostra importante trazer à tona a visão dos diversos psicanalistas pós-freudianos sobre a feminilidade, na tentativa de elucidar algumas questões a respeito de suas teorias sobre o feminino.

[...] nunca levantou obstáculos - pelo contrário, incentivou - as mulheres que aspiravam à carreira psicanalítica, e levava a sério seus pontos de vista. Na verdade, ele contrabalançou seus comentários sobre as mulheres, que iam da franca perplexidade até uma altiva cortesia, ao liderar uma profissão onde elas poderiam atingir o topo. Freud adquiriu cedo suas convicções e continuou a considerá-las perfeitamente satisfatórias. Mas sua conduta como fundador incontestado e líder de um movimento internacional, ao qual as mulheres ofereciam contribuições evidentes e reconhecidas, contradizia sua retórica (GAY⁵, 1989, p.461, apud SILVA, 2016, p. 69)

2.2. O desenvolvimento sexual feminino

Prosseguindo na teoria freudiana sobre a feminilidade, é importante pontuar que a evolução da menina, da infância à puberdade, é mais complexa do que a do menino, e o complexo de Édipo de ambos passa por momentos diferentes. Primeiramente, considera-se que nas primeiras fases de desenvolvimento da libido

⁵ Gay, P. (1989) *Freud: uma vida para o nosso tempo*. Companhia das Letras, São Paulo.

ocorre o mesmo percurso para ambos os sexos, e na fase sádico-anal a menina apresenta tantos impulsos agressivos quanto o menino.

Na fase fálica, por sua vez, o garoto obtém sensações prazerosas através do pênis, enquanto a garota as obtém através do clitóris. Neste momento os diferentes sexos passam por uma fase muito parecida, e considera-se que “a garota pequena é um pequeno homem” (FREUD, 1933/2014, p. 271). A menina, portanto, não descobriu o prazer pelo seu órgão vaginal, e o clitóris equivale ao pênis, neste caso. Idealmente, com as transformações da menina em direção à feminilidade, sua sensibilidade deve ser transferida à vagina, enquanto o homem apenas dá continuidade ao que já praticava.

Por conseguinte, a menina apresenta outras diferenças no seu desenvolvimento, e a segunda diferença diz respeito ao seu objeto amoroso. Na menina, assim como no menino, o primeiro objeto de amor é a mãe e as mulheres cujas representações com ela se confundem. No entanto, ao longo de seu desenvolvimento, o objeto sexual da menina passa a ser o pai, enquanto no menino continua sendo a mãe. Portanto, a garota passa por duas transições pelas quais o menino não passa: em seu complexo de Édipo, esta deve trocar de zona erógena e também de objeto amoroso, passando, para Freud, de sua fase masculina para a feminina.

Como, então, ocorrem estas transições de zona erógena e objeto de amor?

Freud considera que as mulheres que tem uma ligação intensa tanto com o objeto paterno quanto com o pai real, só a tem por uma ligação anterior proporcionalmente forte com a mãe, segundo ele, inclusive, “[...] em vários casos a ligação com a mãe ultrapassa os quatro anos de idade.” E acrescenta: “Quase tudo o que achamos na relação com o pai já estava presente naquela, e depois foi transferido para o pai. Em suma, adquirimos a convicção de que não podemos compreender a mulher se não considerarmos esta fase de *ligação pré-edípica com a mãe*” (FREUD, 1933/2014, p. 273).

Durante essa ligação ocorre também todas as três fases da sexualidade: oral, anal e fálica. Desta forma, os desejos da menina em relação à mãe podem ser

referentes à qualquer uma destas fases, além de poderem ser passivos ou ativos (femininos ou masculinos), e hostis ou carinhosos. Freud (1933/2014) relata que é difícil encontrar a origem destes desejos, mas que muitas vezes, quando se expressam, parecem originar do período fálico, em que a criança deseja dar um filho à mãe/fazer um filho na mãe.

Também se faz importante mencionar os relatos de Freud (1933/2014) sobre suas pacientes histéricas que se diziam seduzidas pelo pai, em que conclui que tais falas não eram verdadeiras, e na verdade eram referentes à fantasias inconscientes originadas no período pré edípico em que a mãe, com seus cuidados para com o bebê, provocava nas meninas a sensação de prazer, comportamento este registrado inconscientemente como sedução.

A transferência dessa ligação para o objeto pai não é simples, e ocorre a partir de uma hostilidade da menina em relação à mãe - sua ligação acaba em ódio. Este sentimento pode durar por toda a vida, e mesmo que seja em parte superado, outra parte irá persistir.

A mais forte dessas frustrações ocorre no período fálico, quando a mãe proíbe a ocupação prazerosa com os genitais - frequentemente com duras ameaças e todos os sinais de indignação -, em que ela mesma havia iniciado a criança, porém. Acreditá-íamos que este seria motivo bastante para justificar o afastamento da garota em relação à mãe. (FREUD, 1933/2014, p. 278)

Para esta relação, uma das razões para que ocorra desta forma é o fato de que talvez as primeiras relações objetais estejam fadadas a acabar, pois estas são de um caráter muito intenso, e a criança, ao se deparar com as frustrações causadas pela mãe, produz uma hostilidade que se apresenta nas mesmas proporções com que antes se apresentou o amor. No entanto, percebe uma objeção: a amor objetal do menino para com a mãe passa pelas mesmas frustrações, e também pela hostilidade, mas se mantém. A proibição, o ciúme e a sedução não são suficientes para interromper a ligação materna com a mãe.

Por que isso acontece?

O autor esclarece que a garota responsabiliza a mãe por sua falta de pênis, por isso a intensidade da hostilidade, e a mudança de objeto de amor. “Afim, a mudança anatômica tem de manifestar-se em consequências psíquicas” (FREUD, 1933/2014, p. 279). O complexo de castração ocorrido na menina não tem o mesmo caráter que apresenta no menino; isso acontece porque no momento em que o menino percebe a falta de pênis na mãe, e que está sujeito à castração, se instaura o medo de castração, diferente da menina, que percebe que ela mesma *não possui* o membro, passando, então, pelo momento de inveja do pênis, movimento no qual despende grande energia psíquica.

No menino, portanto, o complexo de castração vem para eliminar o complexo de Édipo: enquanto o menino deseja a mãe e tem o pai como rival, assim que ele passa pelo complexo de castração – o medo de perder o pênis, quando descobre que sua mãe o perdeu –, é obrigado a anular esse desejo, e assim o Édipo se encerra. Na menina o que ocorre é o contrário; o complexo de castração não somente ocorre *antes* do complexo de Édipo, como também tem uma função de preparação para o Édipo. Ou seja, assim que a menina descobre que foi castrada, passa a odiar a mãe e, motivada pela inveja do pênis, deseja o pai – entrando, então, no Édipo. Para Freud (1933/2014), a menina se mantém no complexo de Édipo por tempo indefinido, o que causa um atraso no desenvolvimento do Super-eu.

O fato de a garota reconhecer sua ausência de pênis não quer dizer que se submete facilmente a ele. Ao contrário, ela se atém ainda por muito tempo ao desejo de adquirir algo assim, crê nessa possibilidade até uma época inverossimilmente tardia e, mesmo num período em que o conhecimento da realidade há muito descartou como inatingível a satisfação desse desejo, a análise pode demonstrar que ele permaneceu no inconsciente e manteve um considerável investimento de energia. (FREUD, 1933/2014, p. 280)

E posteriormente complementa:

O fato de termos que admitir pouco senso de justiça nas mulheres provavelmente se liga à preponderância da inveja na sua vida psíquica, pois a reivindicação de justiça é uma elaboração da inveja, fornece a condição sob a qual podemos renunciar a ela. Também afirmamos que os interesses sociais das mulheres são mais fracos e

sua capacidade de sublimação é menor que nos homens. (FREUD, 1933/2014, p. 280)

Cabe interpretar, portanto, que a energia investida na inveja do pênis é tida como fator principal na diferença do complexo de Édipo feminino para o masculino. A garota que anseia pelo pênis – e não apenas é submetida ao medo de perdê-lo – é também submetida à uma hostilidade muito maior em relação à sua mãe, do que o garoto. Por isso, este mantém seus laços para com ela, enquanto a menina o interrompe e transfere.

Mas as consequências da inveja do pênis não se restringem unicamente ao corte de relações para com a mãe, e nem ao ódio em direção à ela. Freud (1933/2014) pontua algo significativo para este trabalho: de que o anseio pelo pênis comumente pode aparecer na clínica como um motivo inconsciente que levou a mulher à análise. Tal movimento aparece quando, por exemplo, os desejos dessas mulheres dizem respeito à atuar em uma profissão intelectual. Para o autor, essa expectativa representa “uma modificação sublimada desse desejo reprimido” (Freud, 1933/2014, p. 280) - o desejo de ter o pênis. Essa relação de primeira infância com a mãe também é relacionada às perversões sexuais, e as causas deste comportamento se complementam, em maior ou menor grau, com experiências posteriores.

O momento da descoberta de castração da menina é decisivo para o seu desenvolvimento psíquico posterior, e é o ponto de partida para os seus três destinos sexuais possíveis: “[...] à inibição sexual ou à neurose; a segunda, à mudança de caráter no sentido de um complexo de masculinidade; a terceira, enfim, à feminilidade normal” (FREUD, 1933/2014, p.282).

2.3. A inibição sexual ou neurose

Ao elucidar cada um dos três destinos, é perceptível que o aprofundamento nos estudos de Freud a respeito a inibição sexual - o primeiro destino - nos mostra que a menina, como usual, passa pela sua fase masculina obtendo, assim, o prazer pelo clitóris. Neste caso, seus prazeres sexuais são relacionados, até então, com seus desejos pela mãe.

No entanto, após passar pela fase de castração, a princípio a garota irá tomar sua falta de pênis como um fracasso pessoal, e só posteriormente relacioná-lo com a mãe, passando a hostilizá-la. No momento em que passa pela castração e pela inveja do pênis a sua sexualidade fálica é interrompida, e impedida de fluir. Os desejos da garota eram a princípio direcionados à uma mãe fálica, e ao descobrir a ausência de pênis na mãe esta irá renunciar seu prazer pelo clitóris, bem como ao seu amor pela mãe, e reprimir boa parte de seus impulsos sexuais.

Ou seja, a castração, neste caso, impede a menina de obter prazer sexual pelo clitóris: ao invés de transferir a sua sensibilidade para a vagina, ela o inibe. Por conseguinte, seu amor pelo objeto mãe é interrompido e o objeto é hostilizado. Os impulsos sexuais, portanto, não são mais direcionados à mãe, e, para Freud, talvez também não sejam posteriormente direcionados ao homem.

2.4. O complexo de masculinidade

No segundo destino possível para a sexualidade feminina, a garota se recusa a aceitar a castração, enfatizando, assim, a sua masculinidade. Para isso, sua sensibilidade continua direcionada ao clitóris, e não há uma tentativa de impedir seus próprios impulsos sexuais. A garota irá renegar a castração e se proteger desta descoberta numa identificação com a mãe fálica ou com o pai. Neste processo, a menina despende de grande atividade, e se recusa à típica feminilidade passiva. Para Freud (1933/2014, p. 287), “A realização extrema desse complexo de masculinidade nos parece ser a influência na escolha do objeto, no sentido de uma homossexualidade manifesta”.

2.5. A feminilidade normal

O autor indica que a feminilidade normal da mulher se dá a partir do momento em que esta passa pelo complexo de castração e assim transfere seu amor objetual para o pai, odiando a mãe. Seu destino normal seria transferir o seu desejo sexual para outro homem. Além disso, a inveja do pênis tem influência na vida da mulher madura, e por esta razão o narcisismo é atribuído como uma característica da

feminilidade, considerando também que ser amada é mais importante para a mulher do que amar.

Na vaidade física da mulher também está implicada a inveja do pênis, pois ela deve apreciar mais ainda seus encantos, como tardia compensação pela inferioridade sexual original. No pudor, tido como atributo feminino por excelência, mas que é muito mais convencional do que se pensa, nós vemos a intenção original de cobrir o defeito dos genitais. (FREUD, 1933/2014, p. 290)

Freud (1933/2014) acredita que a inveja do pênis na mulher só será suprida a partir do momento que esta tiver um filho homem, e sentir que recebeu o pênis desejado. Para ele, isso é notado quando a menina brinca de boneca, primeiramente porque se identifica com a mãe, e posteriormente porque a boneca representa um bebê do pai. No futuro, é grande a felicidade da mulher quando o anseio pelo pênis desejado pode ser concretizado, ao dar a luz à um filho homem – que traz consigo o pênis.

Segundo Fiorini (2009), para Freud, o desenvolvimento psíquico da mulher é tão mais complexo que é como se as energias despendidas com esse processo esgotassem as capacidades intelectuais desta. Para ele, Freud assinala que a consequência disso é que as mulheres possuem um superego inferior, pouco senso de justiça, poucos interesses sociais e menor capacidade para sublimação. Ao mesmo tempo, numa lógica completamente polarizada, conclui que as mulheres que possuem intelectualidade e que trabalham só o exercem por terem desenvolvido a sua parte masculina. Além disso, Freud acreditava que a histeria tinha a ver diretamente com insatisfação sexual.

A sexualidade feminina em Freud atestou que a mulher era um ser sensual tal como o homem. Isto é um avanço para as concepções da época. Para chegar a esta conclusão Freud aponta seus primeiros estudos durante os anos 1890 “[...] segundo a qual todas as neuroses se originam de conflitos sexuais, pressupõe que mulheres e homens sejam igualmente suscetíveis a estímulos eróticos. (GAY⁶, 1989, p. 466 apud SILVA, 2016, p. 69)

⁶ Idem p. 466

Apesar de suas teorias subjetivarem o desejo sexual feminino e colocarem a histeria como sintoma de um desejo reprimido, desconstruindo uma concepção na qual esta era produto de uma disfunção corporal, Freud enxergava a recusa do corpo da mulher a se encaixar nos moldes por um viés patologizante, em que a sua “vocação libidinal” deveria ser naturalmente direcionada à maternidade. Isto porque a angústia de castração, que em qualquer ser humano tem a ver com o medo por ter que lidar com o que lhe falta, marcaria na subjetividade da mulher o seu maior desejo: o de ter o falo.

Dentro de sua teoria, o destino natural da mulher envolveria a maternidade. “A pergunta seria: é o desejo de filho a via *princeps* para a realização da sexualidade e do gozo nas mulheres?” (FIORINI, 2009, p.127). O olhar da psicanálise freudiana para a mulher a considera um enigma a partir do momento em que a enxerga como *diferente do homem*. Esta cultura acabou por marcar a personalidade da mulher do século XIX. Esta é a mulher cujos únicos destinos possíveis envolvem a inibição sexual, masculinização ou, em seu melhor estado, mãe.

CAPÍTULO 3 - PSICANÁLISE: OUTRAS PERSPECTIVAS

Até agora foi discutido que até o século XX a figura da mulher foi interpretada pela sociedade como passiva e associada à maternidade. Mesmo os estudos científicos e teorias sobre a mulher eram majoritariamente produzidos e desencadeados por homens. “É provável que a adaptação feminina à estrutura masculina aconteça tão cedo e em grau tão elevado que a natureza específica da menina seja sobrepujada” (HORNEY⁷, 1939, p.55, apud RIBEIRO & GRANATO, 2015, p.4). Assim, questiona-se o que as mulheres têm produzido sobre sua própria condição e sua feminilidade, procurando trazer diferentes visões das próprias mulheres – psicanalistas e feministas – para o desenvolvimento deste capítulo.

Ao problematizar a imagem da mulher atrelada à maternidade, principalmente com relação à teoria da sexualidade da mulher, por Freud, foi possível desenvolver uma crítica com embasamento teórico em relação à construção sociocultural e psicanalítica a respeito desta visão. O presente capítulo percorre por considerações de Maria Rita Kehl e outros autores sobre a feminilidade, sob a perspectiva psicanalítica. O objetivo destas colocações teóricas aqui apresentadas é elucidar o percurso da psicanálise sobre o feminino, trazendo diferentes visões a respeito da constituição da feminilidade com o intuito de, por fim, problematizar a teoria psicanalítica de Freud e suas conclusões sobre o destino ideal da mulher, a maternidade.

Levando em conta as considerações anteriormente citadas é perceptível que, diante de uma perspectiva freudiana, a sexualidade feminina e a escolha de objeto da mulher são determinadas pelo Complexo de Édipo e de castração. Ao mesmo tempo, em diferentes épocas da sociedade ocidental é possível constatar recortes importantes da construção de uma sociedade patriarcal. As construções históricas pré e pós as grandes guerras sintetizam a imagem da mulher e são formulações que atravessam, até hoje, a figura da feminilidade na cultura ocidental. Segundo Mansur (2003, p.4):

⁷ HORNEY, K. (1939) Novos rumos à psicanálise. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

Em seu trabalho sobre os deslocamentos do feminino, Kehl (1998, p. 262) lembra que, historicamente, a única identificação permitida para as meninas na cultura ocidental dos séculos XVIII, XIX e início do século XX, de acordo com os ideais de seu gênero, era a “identificação à mãe, não enquanto mulher no sentido amplo – essa mulher ainda não existia – , mas só enquanto mãe.

Autora do livro “Deslocamentos do feminino”, de 1998, Kehl é uma das psicanalistas que elucida o papel atribuído à mulher no século XIX, discutindo também a influência que os costumes de uma sociedade familiar burguesa tiveram na construção deste papel. Para ela, a histeria é a expressão da contrariedade das mulheres aos valores idealizados na época.

A histeria é a ‘salvação das mulheres’ justamente porque é a expressão (possível) da experiência delas, em um período em que os ideais tradicionais de feminilidade (ideais produzidos a partir das necessidades da nova ordem familiar burguesa) entraram em profundo desacordo com as recentes aspirações de algumas dessas mulheres enquanto sujeitos. (KEHL, 1998/2016, p. 152)

Nesta obra, no capítulo sobre “Freud, a feminilidade e as mulheres”, a autora considera que Freud foi o primeiro a perceber esta manifestação das mulheres diante do momento que encaravam historicamente, chamando então esta expressão sintomática de histeria. O olhar de Freud às histéricas foi essencial no âmbito do conhecimento da sexualidade feminina, pois suas descobertas em atendimento o levaram a perceber uma fase fálica no desenvolvimento da psique feminina e o caráter sexual da neurose, indicando, assim, um pensamento inovador em comparação com a realidade em que vivia – onde a sexualidade da mulher não era levada em conta, e a possibilidade de uma “fase fálica”, mais distante ainda. O pensamento de Freud estava aquém de seu tempo; além disso, o autor também tinha colegas psicanalistas (mulheres) que poderiam contribuir com o pensamento construído. No entanto, ele ainda conceituava sobre um destino ideal e natural para as mulheres.

Ao longo da vida e à medida que desenvolvia, com base na observação clínica, sua teoria sobre a feminilidade e a sexualidade feminina, Freud não reformulou fundamentalmente sua concepção sobre o que deveria ser uma mulher. [...] Freud parece ter recusado as evidências de que nenhuma mulher é capaz de encarnar A

Mulher. Seus textos do fim da vida oscilam entre a decepção - a psicanálise seria incapaz de curar as mulheres, desajustadas dos ideais de feminilidade? – e a perplexidade – afinal, quem pode saber o que quer uma mulher? A insistência nesse não saber sugere, a meu ver, o funcionamento de um mecanismo de negação por parte do criador da psicanálise. (KEHL, 1998/2016, p.153)

Segundo Maria Rita Kehl (1998/2016), Freud descreve em seu texto “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade” que nas teorias sexuais das crianças o masculino é referente ao sujeito, à atividade e à posse do pênis, enquanto a feminilidade compreende a posição de objeto, a passividade e a castração. A autora ainda descreve que, sob a interpretação freudiana a castração para o menino não ocorre da mesma forma que para a menina, já que esta tem de lidar com a *ausência* completa do pênis, e com a impossibilidade de tê-lo, enquanto para o menino esta experiência é menos intensa e dolorosa do que na menina. A única saída para a garota “superar” a castração seria transferindo o prazer para a vagina, mas, na teoria freudiana esta substituição é dificultada por algum obstáculo que impede o reconhecimento da vagina.

“Nota-se que o que Freud discute aqui - ou ao menos o que nos interessa nessa discussão - não é se a menina conhece as sensações vaginais e a existência da vagina em seu corpo, mas se a reconhece como órgão sexual diferente do pênis e equivalente a ele” (KEHL, 1998/2016, p. 161-162).

A autora descreve o movimento já discutido do complexo de Édipo da garota e sua conseqüente descoberta de castração, pontuando: “Diante da castração consumada, escreve Freud, a menina volta seu amor para o pai, portador do órgão fálico, na esperança de algum dia receber dele o que a mãe foi incapaz de lhe legar: um pênis (ou um falo?) ou outro substituto à altura, na forma de um bebê” (KEHL, 1998/2016, p. 163). Ou seja, novamente fica evidente o destino natural da mulher na teoria freudiana.

Maternidade e casamento significariam uma espécie de ponto de chegada para a mulher, a partir do qual nada mais é esperado dela, nem no plano erótico nem no sublime; no erótico, é como se a feminilidade não tivesse qualquer outra função depois de ter

cumprido seu único objetivo, a conquista de um homem que lhe desse filhos. (KEHL, 1998, p. 261 apud MANSUR, 2003, p. 4)

Não só Kehl, mas diversos pós-freudianos e teóricos da psicanálise contemporânea discordam de algumas das colocações de Freud sobre a concepção de feminilidade e maternidade. Considera-se que a maternidade está internalizada na subjetividade de cada mulher, mulher esta que já teve uma figura materna e com ela vivenciou as experiências de ser filha, ao mesmo tempo em que incorporou ao seu inconsciente alguns padrões e atitudes da imagem da maternidade. “Como mães, as mulheres produzem filhas com desejos e capacidades de maternar que surgem no próprio relacionamento mãe-filha” (Mansur, 2003, p.4). Desta forma, elas têm potencial para exercer a maternidade, mas isto não significa que necessariamente desejam fazê-la.

Vamos des-mater/paternalizar. Vamos desfetichizar. Não iremos negar a nós mesmas as delícias de uma gravidez que é sempre dramatizada, evitada ou amaldiçoada nos textos clássicos. Pois se há algo específico que é reprimido, é aí onde ele pode ser encontrado: o tabu da mulher grávida é bastante revelador do poder que parece ser investido nelas. (CIXOUS & CLEMENT⁸, 1987, p. 19, apud STEVENS, 2005, p.7)

As postulações de Freud nas diferentes fases do complexo de Édipo são comentadas e reformuladas por alguns teóricos. Por exemplo, fato de que este é colocado da mesma forma para meninos e meninas já é reconsiderado. Segundo Ribeiro & Granato (2015), o complexo de Édipo, na teoria freudiana tido como modelo de uma etapa de desenvolvimento sexual do menino, foi transposto para a menina sem diferenciação de um para o outro. Isto significa que o corpo e a mente da mulher são vistos *a partir de e em comparação a* um corpo e mente masculinos, fazendo com que novos autores retomassem a esta teoria com novas considerações, distinguindo os processos da sexualidade feminina e masculina.

Para Halberstadt-Freud⁹, citado por Ribeiro & Granato (2015), por exemplo, a menina não troca de objeto de amor, mas continua ligada à mãe. Além disso, de

⁸ CIXOUS, H. & CLEMENT, C. (1975c,1987) The newly born woman.

⁹ HALBERSTADT-FREUD (2006). Electra versus Édipo. Psychê.

acordo com estas autoras, Klein¹⁰ considera, desde 1928, que o processo do complexo de Édipo se inicia antes do período postulado por Freud, em fases pré-genitais do desenvolvimento.

Para Násio¹¹ (2007), segundo Ribeiro & Granato (2015), o Édipo feminino deve ser dividido em quatro tempos: o pré-edipiano; o tempo de solidão; o tempo do Édipo e a resolução do Édipo. No tempo pré-edipiano é especificado que a atração pelo genitor do sexo oposto é inexistente, e em seguida, a menina tem o desejo incestuoso de possuir a mãe. No segundo tempo, por sua vez, a menina retira sua libido da mãe e volta-se para o pai, após perceber ter sido privada de um objeto. Ao entrar no tempo do Édipo, a menina deixa de querer ser o falo e passa a desejar ser a inspiração deste, passando de uma posição masculina para a feminina, se identificando com a mãe. Esta mãe passa a ser admirada, e torna-se seu modelo de feminilidade, e a criança passa a imitá-la. Esta teoria também se diferencia das considerações de Freud, quando constata que para o fim do Édipo a mulher precisa ter traços masculinos e femininos internalizados.

Também foi problematizada a questão da patologização das diferentes expressões da sexualidade feminina, que até então consistia de apenas três destinos possíveis, dois dos quais não seriam considerados ideais: inibição sexual e a masculinidade.

[...] antigas teorias intrapsíquicas da motivação à não-parentalidade e não-maternidade não fornecem suporte empírico suficiente para as alegações de patologia, e as variáveis sociais, econômicas e culturais são também pertinentes e devem ser levadas em conta para a compreensão da escola reprodutiva. (MANSUR, 2003, p.4)

É necessário, portanto, colocar em pauta as considerações feitas por Freud, e levar em conta a realidade da época, considerando, portanto, a realidade contemporânea - em que a mulher, em sua multiplicidade de escolhas e destinos, não se encaixa em nenhuma das três classificações propostas por Freud. Mansur (2003, p.4) considera que:

¹⁰ KLEIN, M. (1928) Estágios iniciais do conflito edipiano. Rio de Janeiro: Imago.

¹¹ NASIO, J. D. (2007) Édipo: o complexo do qual nenhuma criança escapa. São Paulo: Zahar.

Kehl (1998, p.317) conclui que a teoria psicanalítica precisa ter plasticidade suficiente para acompanhar e compreender as mudanças ocorridas na sociedade desde o final do século XIX, quando ainda inexistiam opções para a mulher no campo social: “Se a produção psicanalítica contemporânea não puder acompanhar esses deslocamentos, a psicanálise deixará de fazer sentido”, uma vez que “nasceu para dar voz ao emergente e não para corroborar a tradição”

Ainda se tratando da teoria do complexo de Édipo de Freud, os autores têm interrogado a questão da inveja do pênis. Stevens (2005, p.6) comenta, referindo-se a uma questão trazida por Horney¹²:

Horney imagina que talvez mecanismos tenham sido defensivamente desenvolvidos como uma forma de tentar assimilar, compensar, ou mesmo negar essa dependência: ‘Não seria a tremenda força no homem do impulso para o trabalho criativo em vários campos, precisamente provocada pelo seu sentimento de ter um papel relativamente pequeno na criação da vida, o que constantemente o impele para uma compensação em outras realizações?’ (HORNEY, 1993, p.61)

A imagem de mulher produzida nos últimos séculos foi construída por homens, consequência de um cenário de dominação masculina. As exigências da sociedade burguesa do século XIX resultaram numa naturalização do ideal da mulher mãe. Cabe questionar o fato de que as teorias psicanalíticas que enxergam a mulher como enigma possam existir desta forma justamente pelo fato de que a mulher em si pouco falava sobre a sua constituição psíquica, e o conhecimento que hoje temos sobre a feminilidade foi majoritariamente formulado por homens. Maria Rita Kehl (1998/2016) esclarece que na teoria lacaniana a identidade da mulher é considerada inexistente, pela falta de um significante comum entre todas as mulheres, como no caso do homem, que tem em comum com todos os homens, o falo. “O único [significante] que o inconsciente reconhece, nesse caso, é o que indica a Mãe. A Mulher não existe, mas existe a Mãe, essa figura temida e poderosa. Só que a mãe, no Inconsciente, não é exatamente uma mulher.”

E complementa:

¹² 13 Horney, K. (1993) idem, p. 61.

Cabe perguntar, além disso, (mas não me proponho a responder aqui), se a figura imaginária d'O Homem se funda na universalidade do pênis ou se foi construída pela multiplicidade de vozes masculinas que escreveram quase toda a cultura em que vivemos - às quais, só muito recentemente, se somaram as vozes das mulheres. Que significante designa o conjunto dos homens: o pênis ou o Verbo? (KEHL, 1998/2016, p. 209)

Apesar de todos esses apontamentos, ainda se torna possível interpretar a teoria de Freud sobre a feminilidade de forma simbólica, se estivermos dispostos a considerar que suas considerações dizem respeito a uma fantasia. Para Nasio¹³ (2007), por exemplo, segundo Ribeiro & Granato (2015, p.6), o equívoco está na compreensão dos leitores, e “[...] essa ideia de que a psicanálise concebe a mulher como castrada e inferior é falsa”.

Ao mesmo tempo, uma discussão a respeito de outras formas de observar o complexo de Édipo na mulher e a constituição da feminilidade possibilita o questionamento a respeito das considerações freudianas que, em suma, envolvem uma concepção de feminilidade em que em seu destino ideal, o desejo de ser mãe causado pela inveja do pênis, é natural.

A teoria freudiana é fundamental para a compreensão do ser humano e seu desenvolvimento psíquico. O complexo de Édipo, da castração, e da neurose, citadas ao longo deste trabalho, talvez permanecessem desconhecidos se não fossem pelos estudos de Freud. De qualquer forma, é importante ressaltar a visão de diferentes psicanalistas e mulheres a respeito desta teoria, com o objetivo de valorizar e dar visibilidade a outros apontamentos; bem como às falas de mulheres a respeito de considerações das quais elas mesmas são protagonistas.

¹³ Nasio, J.D. (2007) *idem*.

CAPÍTULO 4 - NATUREZA VS CULTURA: O MITO DO INSTINTO MATERNO

O objetivo deste capítulo é problematizar o conceito de instinto por meio da teoria psicanalítica, de forma a possibilitar, por fim, o questionamento acerca da ideia de instinto materno. Posteriormente será feita uma análise dos motivos multifacetados que envolvem o querer ou não querer ser mãe, elucidando as possíveis influências culturais e subjetivas de cada mulher diante da possibilidade de maternidade, com a finalidade de contrapor a concepção enraizada de uma maternidade “natural” à mulher.

4.1. Uma breve discussão sobre o instinto

A ideia de instinto é comumente reproduzida no intuito de se referir a algo de caráter herdado, natural. O instinto se define por comportamentos inatos de função evolutiva, que auxiliam na sobrevivência. Ou seja, o conceito de instinto tem um significado arraigado para o senso comum, e é interpretado como um comportamento de origem natural. O termo “instinto materno”, por exemplo, é comumente reproduzido. O que a psicanálise diz sobre esse conceito?

Estêvão (2012) descreve o conceito de *Trieb* nos textos de Freud, problematizando a forma como foi traduzido: instinto. Para o autor, *Trieb* diz respeito à uma pressão (energia) à satisfação. Tal pressão produz a fantasia, descarga parcial de *Trieb*, causando uma satisfação pessoal no indivíduo. “A fantasia é, por assim dizer, uma representação da ação que leva à satisfação de *Trieb*.” (ESTÊVÃO, 2012, p.89)

Há um caminho percorrido psiquicamente, então, para a realização de um desejo. O desejo é uma forma de descarga de *Trieb*, e é variável de indivíduo para indivíduo, bem como o seu objeto de desejo. Isto significa que há uma responsabilidade do sujeito por trás de seu desejo, e a partir disso se questiona a palavra “instinto” como equivalente à “*trieb*”.

Ora, sustentar uma teoria dos *instintos* dá margem para que a responsabilização seja pensada por outra via e se encaixe com mais ‘facilidade’ na concepção organicista de responsabilidade. Na verdade, na de ‘desresponsabilização’. Não se trata mais de um

desejo que se constitui, mas praticamente de um desejo com o qual se nasce, de uma pressão adquirida em tempos ancestrais [...] (ESTÊVÃO, p.91)

Trieb e o desejo inconscientes estão interligados, e o conceito de instinto não é condizente com as ideias de Freud, que acreditava na teoria da responsabilidade, ou seja, na responsabilidade do indivíduo pelo seu desejo inconsciente, e num processo psíquico para a satisfação ou repressão ou sublimação do mesmo.

“Se uma tradução envelhece, podemos dizer que, nesse caso, a tradução de *Trieb* como *instinto* envelheceu na medida em que *instinto* foi ganhando contornos e peso dentro de um determinado campo, que adentra o campo popular, e já não equivale à noção de *Trieb*.” (ESTÊVÃO, 2012, p. 95)

A psicanálise se distancia da ideia de instinto no sentido de que atribui ao comportamento humano um caráter psicológico ligado essencialmente à uma etiologia sexual, se afastando da ideia de hereditariedade, genética e de uma teoria de seleção natural. Para a psicanálise, a noção de instinto não é mais compatível com o ser humano - o ser humano deixa de ter instinto para ter pulsão, pois este não é mais animal, mas já foi.

As considerações supracitadas descrevem a concepção de instinto para a psicanálise, com o objetivo de problematizar a crença social a respeito de um ‘instinto materno’. Para a psicanálise, o instinto é da ordem da natureza, e o ser humano, portanto, produz pulsões – da ordem da palavra. Freud teve um papel significativo na elucidação do papel da cultura e da subjetividade na constituição do sujeito, contemplando os processos psíquicos e a influência cultural sobre estes processos, possibilitando o afastamento de concepções biologicistas a respeito do humano e seu comportamento. A ideia de hereditariedade e naturalismo são consideradas insuficientes para a resolução das questões humanas, ao mesmo tempo a cultura é tida pela psicanálise como fator determinante para os processos psíquicos e seu entendimento.

Freud construiu toda uma teoria sobre a Cultura, chegando à conclusão de que a relação entre o indivíduo e a Cultura é determinante para sua constituição psíquica. [...] A Cultura parece

predominar em relação ao biológico na teoria freudiana e isso se evidencia no aumento da importância e da quantidade de seus textos ditos 'sociais.' (ESTÊVÃO, 2012, p.94)

4.2. Cultura e subjetividade

De acordo com o conteúdo já discutido, existem diferenças histórica e culturalmente construídas para o papel da mulher e do homem na sociedade, diferenças essas que perduram até hoje, corroborando para a idealização do papel da mulher como mãe, bem como para a reprodução do pensamento que coloca a maternidade como um determinismo biológico. Segundo Rios & Gomes (2009, p. 216), um estudo desenvolvido por Gillespie¹⁴ (2003) sobre a associação entre feminilidade e maternidade indica que “o papel da mulher e a identidade feminina foram histórica e tradicionalmente construídos em função da maternidade”

Enfatizando o que já foi apontado acima, compreende-se a colaboração de Freud para a construção social do papel da mulher, e ao mesmo tempo em que a sociedade tradicional da época gradativamente estruturava a dominação masculina sobre as mulheres, e suas teorias corroboraram como uma medida científica do assunto. Para Mansur (2003, p.3), “[...] Freud e seus discípulos descrevem a passividade, o masoquismo e o narcisismo como características da natureza feminina, desembocando na definição da mãe naturalmente devotada, nascida para a renúncia e o sacrifício”. E complementa: “[...] Como consequência, todas as que demonstrassem independência e atividade, preferindo trabalhar – ou criar – a procriar, seriam imaturas, regredidas, incompletas e anormais”.

Assim, a maternidade foi considerada natural durante muito tempo, e conjuntamente com as considerações teóricas construídas desde o século XIX estruturou-se um cenário que possibilitou que o ideal de feminilidade associada à maternidade natural fosse imposto na sociedade da época, de forma a perdurar pelo imaginário social até atualmente.

As mulheres têm sido mães e filhas, mas têm escrito muito pouco sobre esse assunto; a grande maioria das imagens literárias e visuais da maternidade vem até nós filtrada através da consciência

¹⁴ Gillespie (2003). Childfree and feminine: understanding the gender identity of voluntarily childless women. *Gender and Society*.

masculina, individual ou coletiva. Assim que uma mulher sabe que uma criança está crescendo dentro do seu corpo, ela encontra-se sob o poder de teorias, ideais, arquétipos, descrições sobre sua nova existência; quase nenhuma das quais desenvolvidas por outras mulheres (embora outras mulheres possam transmiti-las); todas essas ideias flutuam invisivelmente ao redor dela desde que ela se percebeu mulher pela primeira vez, e como tal, uma mãe em potencial. Precisamos saber o que, em meio ao caótico processo de criação de imagens e produção de teorias, vale a pena ser salvo, pelo menos para entendermos melhor uma ideia tão crucial para a história, a condição que tem sido violentamente arrancada das próprias mães para dar suporte ao poder dos pais. (RICH¹⁵, 1981, p.62, apud STEVENS, 2005, p.4)

Desta forma, considera-se que esta concepção biologicista de que a mulher nasceu para ter filhos ainda atravessa as paredes da cultura, uma cultura construída majoritariamente por pensadores homens.

Mansur (2003, p.4) descreve: “Olivier¹⁶ (1992) considera que, com as formulações freudianas, a inferioridade das mulheres, já consagrada socialmente, passou a ter um aspecto científico e um valor de sentença que deixaram marcas profundas.” E comenta sobre as considerações de Bonini-Vieira¹⁷ (1997): “No entanto, as mulheres estão expostas às políticas simbólicas que tentam direcioná-las para a maternidade e, geralmente, colocar-se na contramão das expectativas sociais causa sentimentos conflitantes” (idem, p.3).

Diversos autores discorrem sobre os determinantes sociais que corroboram para angústias e inseguranças quanto à possibilidade de ser mãe, e, principalmente, quanto ao não-desejar a maternidade.

A não-maternidade provoca o rompimento de um modelo feminino tradicional e, embora represente uma diferença significativa, não significa patologia, constituindo um fenômeno complexo, multidimensional e dificilmente redutível a um único determinante. Sua compreensão requer a revisão das expectativas em relação aos papéis femininos tradicionais, desfazendo o mito do instinto materno

¹⁵ Rich, A. (1981) *Of women born*. Motherhood as experience and institution. London: Virago.

¹⁶ Oliver, C. (1992) *Los Hijos de Yocasta: la Huella de la Madre*. México: Fondo de Cultura Económica.

¹⁷ Bonini-Vieira, A. (1996) *Definidas pela Negação, Construídas na Afirmação: a Perspectiva de Mulheres Não-mães Sobre a Maternidade e seu Projeto de Vida*. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

e aceitando o fato de que a vida das mulheres pode ter dimensões muito variadas quando a sociedade lhes apresenta outras opções – além da maternidade. (MANSUR, 2003, p.10)

Com o advento da contracepção hormonal livre e gratuita, um feito da luta feminista que simboliza um grande avanço para a liberdade e igualdade entre os sexos, a maternidade não representa mais um destino único à mulher. No entanto, mesmo com a implantação de um novo modelo de maternagem, as mulheres ainda são atravessadas pelo machismo estrutural, numa sociedade que coloca sobre a mulher as maiores responsabilidades parentais, e ao mesmo tempo questiona e critica a opção por não ter filhos. Segundo Scavone (2001, p.145):

Se o modelo da maternidade reduzida pôde diminuir a ambiguidade entre vida profissional e vida familiar, ele não a esgotou. A realização da maternidade ainda é um dilema para as mulheres que querem seguir uma carreira profissional, já que, nas responsabilidades parentais, ainda são elas as mais sobrecarregadas. Não seria este um dos fatores relevantes para as mulheres recorrerem a recursos radicais como a esterilização e o aborto, decidindo pela não-maternidade?

A mulher contemporânea é atravessada por valores de séculos passados que ainda hoje são intrínsecos à sociedade, ao mesmo tempo em que ocorre uma transição dos papéis sociais. “[...]acredito também na importância da ressignificação da mãe/do maternal, para que possamos nos livrar de sacralizações e fantasias que nós mulheres naturalizamos por tanto tempo” (STEVENS, 2005, p.5).

Desta forma, discute-se sobre as angústias que envolvem o desejo de ser mãe na sociedade atual e as implicações que levam uma mulher a decidir pela maternidade ou não, rompendo com a idealização do amor materno, construída a partir do século XIX, e trazendo diferentes perspectivas sobre a maternidade na atualidade. Rios & Gomes (2009, p. 216) colocam a importância da desconstrução da idealização do amor materno, e citam Badinter¹⁸ (1985), filósofa que discute a desconstrução do instinto materno que considera que “[...] o amor materno é apenas

¹⁸ Badinter, E. (1985) Um amor conquistado: o mito do amor materno. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

um sentimento humano e, como tal, contingente e variável segundo a cultura, as ambições e frustrações das mulheres.”

4.3. O desejo e a ausência dele

Diferentes determinantes sociais implicam em diferentes formas de desejo, e busca-se, então, investigar como esses aspectos dialogam de acordo com a individualidade de cada mulher. Segundo as considerações de Mansur (2003, p.8), por exemplo:

Azambuja¹⁹ (1986) relata que, em sua prática clínica, tem sido exemplar a frequente angústia, o medo e a situação de violência mobilizados na mente humana diante da condição de fertilidade. A fertilidade mobiliza sempre o temor em relação ao espaço que ela vai tomar e às exigências que acarretará, e a ameaça que um filho pode representar para uma mulher não diz respeito apenas à ruptura de um sistema narcísico, mas refere-se também à ameaça para a identidade feminina em seu todo e para a sexualidade em particular.

Na pesquisa de Stobel-Richter²⁰ *et al.* (2005), mencionada por Rios & Gomes (2009), por sua vez, a proposta era de estudar atitudes e motivações que influenciam no desejo de ter um filho e na realização deste desejo. Concluiu-se que aspectos emocionais pesam mais a favor da parentalidade, enquanto o aspecto financeiro seria o argumento mais usado contra a procriação.

Ao mesmo tempo, para as mulheres que não desejam ter filhos, Rios & Gomes (2009) apresentam a pesquisa de Mondardo e Lima²¹ (1998), que indicou que as mulheres que passavam por um momento de transição para a não fertilidade, pela idade, vivenciam sentimentos de ambivalência e culpa. Também é colocado que isso ocorre devido ao contexto cultural e à história de vida em que estão inseridas, ressaltando o fato de que os sujeitos desta pesquisa envolvem mulheres brasileiras com idades entre 35 e 40 anos, com relacionamentos conjugais de no mínimo cinco anos.

¹⁹ Azambuja, S.C. (1986) Laio ou a Fertilidade Impossível. Revista Brasileira de Psicanálise.

²⁰ Stobel-Richter et al (2005) The 'wish to have a child', childlessness and infertility in Germany. *Human reproduction*.

²¹ Mondardo, A. H. & Lima, R. F. C. (1998) Nem toda mulher quer ser mãe: outros caminhos para a realização pessoal. *Psico*.

No entanto, Bonini-Vieira²² (1996), citado por Rios & Gomes (2009), constatou que esta ambivalência e ambiguidade dos depoimentos não são aspectos encontrados apenas em mulheres que optaram pela não maternidade.

Existem estudos, inclusive, sobre a influência de fatores psicológicos em mulheres que adiaram a maternidade sem que tivessem consciência disso. Rios & Gomes (2009 p. 220) descrevem a pesquisa de Slosar²³ (2004), que tentou entender o papel de forças psicológicas conscientes e inconscientes sobre a vida de oito mulheres com relação às suas decisões reprodutivas:

A autora verificou a presença de relações objetais infantis no conflito, mais especificamente uma notável falta de cuidados, amor e atenção por parte dos pais, reportada por todas as participantes. Outros achados em comum na maioria das participantes incluíam histórias de traumas ou perdas não elaboradas ocorridas na infância, repúdio à identificação maternal, evitação de responsabilidades como adultas, medo da gravidez e preocupação com a imagem corporal, raiva dos pais pelo tratamento que receberam na infância, uso de mecanismos de defesa – como repressão, negação e intelectualização – para se protegerem da realidade de não serem mães, falta de informação sobre fertilidade, ser a criança mais nova na família de origem, ter irmãos mais velhos também sem filhos e falta de encorajamento por parte dos próprios pais para serem mães.

Rios & Gomes (2009) discorrem sobre a opção por não ter filhos, descrevendo através de diversas pesquisas os motivos para esta escolha. Desta forma, foi pautada a pesquisa de Rios²⁴ (2007), que investigou as motivações de casais heterossexuais para não procriar, na região metropolitana de São Paulo. Esta pesquisa indicou que a decisão tem influência nas experiências geracionais de suas famílias de origem.

²² Bonini-Vieira, A. (1996) Definidas pela negação, construídas na afirmação: a perspectiva de mulheres não mães sobre a maternidade e seu projeto de vida. *Universidade Federal do Rio de Janeiro*.

²³ Slosar, H. K. (2004) The influence of psychological forces on childbearing delay in women nearing the end of fecundity. *Dissertation Abstracts International: Section B: The Sciences and Engineering*.

²⁴ Rios, M.G. (2007) Casais sem filhos por opção: análise psicanalítica através de entrevistas e TAT. *Universidade de São Paulo*.

Estas pesquisadoras também citam diversos outros autores e suas pesquisas, como, por exemplo, Park²⁵ (2005), que constatou que a decisão pela não parentalidade envolve a experiência com modelos de parentalidade, fatores de personalidade, sentimentos em relação a crianças, objetivos de carreira, estilo de vida orientado para o mundo adulto e preocupação com o crescimento parental.

Outra pesquisa mencionada, de Rauchfuss e Sperfeld²⁶ (2001), aponta para os conflitos entre metas profissionais e maternidade, o que causa um adiamento da maternagem até que esta se torne impossível. Kemkes-Grottenhaler²⁷ (2003), ainda mencionadas pelas autoras Gomes & Rios, concluem em sua pesquisa que os homens podem exercer influência na decisão da mulher sobre a maternidade: por não querer filhos ou por não se colocarem disponíveis para colaborar com as responsabilidades para com a criança.

Segundo Rios & Gomes (2009, p. 220):

“Há uma importante faceta desta decisão abordada em algumas publicações, que leva em consideração a relação, existente ou não, entre não querer um filho e vivências na infância ou junto à família de origem. Essas pesquisas, em sua maioria, levam em conta as experiências das mulheres.”

Já a respeito da pesquisa de Reitan²⁸ (2000), que comparou mãe por opção com mães que adiaram a gravidez, as autoras comentam: “A autora [Reitan] não encontrou diferença nos dois grupos pesquisados: mulheres de ambos os grupos reportaram ter experimentado muito pouco amor e um grau de rejeição moderado a alto por suas mães e por seus pais, significativamente mais pelos pais.” (RIOS & GOMES, 2009, p.221)

²⁵ Park, K. (2005) Choosing childlessness: Weber's typology of action and motives of the voluntary childless. *Sociological Inquiry*.

²⁶ Rauchfuss, M. & Sperfeld, A. (2001) Child or career? Desire for a child in East as West Berlin. *Zentralbl Gynakol*.

²⁷ Kemkes-Grottenhaler, A. (2003) Postponing or rejecting parenthood? Results of a survey among female academic professionals. *Journal of Biosocial Science*.

²⁸ Reitan, J.A. (2000) Attachment as mediating variable in the decision to delay childbearing. *Dissertation Abstracts International: Section B: The Sciences and Engineering*.

As autoras ainda citam que, segundo Fjeil²⁹ (2002), mulheres norueguesas que não pretendem ter filhos mencionam dificuldades sociais, críticas e falta de entendimento, e que mesmo vivendo felizes sem filhos as pessoas não levam suas decisões a sério.

Os estudos relatados acima objetivam trazer a esta pesquisa pensamentos que desconstróem o mito do instinto materno e a visão da mulher como naturalmente destinada à maternidade, numa tentativa de investigar os motivos que envolvem o desejo pela maternagem, bem como a ausência deste, colocando a maternidade como possibilidade ao invés de destino. Os dados mostram que a decisão por não ter filhos é tão multifacetada quanto a decisão por tê-los, e que ambas as escolhas sofrem influências tanto de determinantes sociais quanto de variáveis subjetivas, que dizem respeito à individualidade de cada uma. Tais pesquisas, portanto, colaboraram com a desconstrução de um conceito de maternidade natural, indicando motivos diversificados que atravessam o desejo e o não desejo por ter filhos.

²⁹Fjeil, T. I. (2002) Voluntarily childless women. *Gender and Society*.

DISCUSSÃO

Um dos principais propósitos deste trabalho é mostrar que o papel da mulher na sociedade foi construído e radicalmente transformado ao longo dos séculos. A ideia inicial desta pesquisa envolveu, portanto, investigar o processo histórico que levou ao ideal de maternidade e cuidado atrelado à mulher e reproduzido pela sociedade.

Cabe ressaltar que até determinado momento histórico na cultura ocidental a mulher não era associada à maternidade, e os cuidados para com os filhos não recaíam essencialmente sobre ela. Em algum momento da história, antes do século XVIII, a sociedade não exigiu da mulher este cuidado materno, e a naturalização deste comportamento que hoje é até mesmo considerado como um “instinto” não existia. Em determinadas épocas da cultura era comum, inclusive, a existência de mulheres que eram contratadas para amamentar os filhos de outras que poderiam recusar esta função – as amas de leite. Anteriormente a isso as mulheres eram temidas. Queimadas na fogueira pela Inquisição, consideradas bruxas, associadas ao Satã. São diversos os exemplos possíveis para ilustrar a função das exigências sociais sobre o papel e imagem da mulher, e, visto que no século XVIII a ciência e a cultura voltaram seu esforços para atribuir à mulher um papel de mãe, cabe discutir as consequências deste movimento.

Para E. Badinter (1980) e contrariamente às ideias dominantes, o amor maternal não se encontra inscrito na profundidade da natureza feminina. Refere que quando observamos a evolução das atitudes maternas verificamos que o interesse e a dedicação à criança ora se manifestam ora não. Neste sentido, será em função das exigências e dos valores dominantes de uma sociedade determinada que são determinados os papéis respectivos do pai, da mãe, da criança. (CORREIA, 1998, p. 366)

A personalidade das mulheres não necessariamente carrega um caráter submisso, e os efeitos de uma ciência produzida e disseminada por homens foram (são) silenciosos. Como já dito, a mortalidade infantil do século XVIII foi uma das causas para a diferenciação radical dos sexos, pois já que as crianças desta época precisavam de cuidados foi designado à mulher o papel de cuidadoras.

Desse modo, o corpo ganhou papel primordial de causa e justificativa das diferenças entre os sexos e, com isso, características físicas passaram a ser tomadas como marca de distinções e de exercer poder entre homens e mulheres (BEAUVOIR, 1980, apud PATIAS E BUAES, p. 301). Logo, às mulheres, por sua condição biológica, a maternidade foi determinada como destino inevitável e, conseqüentemente, o privado, colocando-as em um local onde se poderia manter a ordem vigente, exercendo poder sobre o feminino através dos seus corpos (MEYER, 2003, apud PATIAS & BUAES, 2012, p. 301)

As mulheres, no entanto, não se calaram. Os movimentos feministas e a histeria são considerados expressão da indignação feminina diante da naturalização de um ideal de feminilidade que não necessariamente condiz com seus desejos.

Posteriormente, ao longo do trabalho, se fez necessário pontuar qual o papel da psicanálise quando se trata do conceito de feminilidade e como esta teoria enxerga a relação entre desejo de maternidade e mulher. Para isso, se fez uma análise de algumas das teorias de Freud sobre o feminino, mas suas ideias, exclusivamente, não se fazem suficientes para uma compreensão da psique da mulher, e buscou-se criar um contraponto à essa teoria. Tal contraponto foi baseado em reflexões críticas realizadas por autores pós freudianos.

O papel da psicanálise diante deste longo percurso percorrido pelas mulheres não é nulo, e nem sequer neutro. O reconhecimento da temporalidade das teorias psicanalíticas sobre o feminino é essencial para uma compreensão atual e realista da feminilidade e da constituição da psique da mulher. Freud começou com a teoria dos três destinos possíveis para a mulher: a) Uma inibição sexual ou neurose, que, em suma, descreve o movimento psíquico em que a castração tem o efeito de inibir os impulsos sexuais da garota, e ao invés de transferi-los, ela os interrompe, possivelmente interrompendo também a transferência de objeto de amor. b) O complexo de masculinidade, em que a garota nega sua castração, se apegando à uma mãe fálica ou ao pai e se identificando com isso. c) E por fim, a feminilidade normal, que resultaria no anseio por um filho homem para finalmente receber o pênis desejado (e invejado).

Freud relata em seus discursos os fenômenos observáveis que conheceu na clínica, mas também traz concepções que sugerem que algumas características femininas pudessem ser universais e que o fato de ter nascido mulher traga consigo aspectos ditos como femininos. Portanto, nota-se uma ambiguidade quando seus estudos valorizam e enfatizam a importância do papel da sociedade e cultura sobre o indivíduo para o entendimento do desenvolvimento psíquico, mas também trazem alguns elementos que parecem conter traços de negação deste aspecto quando se trata do desenvolvimento feminino.

No entanto, desde a publicação de sua obra sobre a feminilidade, em 1933, até os dias de hoje, surgiram diversos questionamentos às ideias freudianas com relação à feminilidade, e como ao longo deste trabalho buscou-se enfatizar a produção majoritariamente masculina da ciência e cultura, se faz necessário trazer apontamentos importantes sobre a feminilidade produzidos pelas próprias mulheres - como consequência, fortuita e felizmente, esta pesquisa acabou por envolver majoritariamente autoras mulheres. Para Patias & Buaes (2012), por exemplo, o corpo biológico da mulher e a diferença entre os sexos serviu para que fosse construído historicamente uma verdade biologicista sobre a mulher que se fixou na cultura, verdade esta que foi baseada na diferença corporal a partir de um outro - o homem.

As teorias de Maria Rita Kehl, por exemplo, representam a base principal para uma argumentação a respeito das teorias freudianas. Os(as) autores(as) supracitados valorizam o olhar que Freud teve em direção às mulheres, principalmente com relação às histéricas, mas, por outro lado questionam a ideia do complexo de Édipo feminino e, consequentemente, o conceito de feminilidade.

A problematização do conceito de “instinto” para a psicanálise, por sua vez, teve como função desconstruir a ideia de um possível instinto materno, dando espaço para uma discussão sobre os mais diferentes fatores sociais e subjetivos que influenciam na opção pela maternidade ou não maternidade. Como já discutido, medo, culpa, influência dos modelos de parentalidade, carreira, estilo de vida, e inúmeros fatores foram considerados significativos para a decisão pela maternidade.

Desta forma, considera-se que atualmente as exigências sociais em direção ao papel da mulher representam uma ambiguidade. Observar a mulher como naturalmente destinada à maternidade não é apenas uma teoria freudiana, mas um ideal presente no imaginário social que conseqüentemente representa um papel na vida da mulher contemporânea. Ao mesmo tempo, mulheres que não se identificam com esse ideal de feminilidade lutam contra a exclusividade do papel de mãe. Este cenário ocorre desde o início da sociedade burguesa e é presente até os dias de hoje.

Algumas mulheres optam por exercer um papel de mãe, enquanto, por outro lado, outras não se identificam com isso. Os ideais feministas servem, fundamentalmente, para exigir da sociedade direitos iguais entre homens e mulheres, dando abertura, por exemplo, para o questionamento das ideias sobre a função do caráter feminino reproduzidas pela literatura e pela ciência.

A teoria psicanalítica freudiana sobre a feminilidade, como ciência, enxerga a mulher numa posição de enigma, e acaba por teorizar que ela é destinada a ser mãe. Essa concepção se faz insuficiente para a compreensão da complexidade do Ser Mulher, e hoje, conseqüentemente, é alvo de questionamentos. A ideia do Édipo feminino tem sido reformulada por importantes teóricos da psicanálise, que inclusive podem levar em conta a internalização de aspectos tanto femininos quanto masculinos após o fim do Édipo. Isto significa que a psicanálise se renova, e que os estudos sobre a feminilidade devem ser atualizados, porque o que já foi dito não contempla todas as possibilidades e capacidades de uma mulher.

Em suma, este trabalho visou entrar em contato com a história da feminilidade para a sociedade e para a psicanálise, no intuito de enfatizar a temporalidade dos papéis sociais e, sobretudo, das teorias psicanalíticas sobre a mulher. Assim, é essencial pontuar que os estudos da psicologia sobre a feminilidade devem sempre se renovar, e considerar, imprescindivelmente, o contexto social em que a mulher existe ao pensar em seus desejos e formas de ser.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo contemplou uma síntese da história da mulher, buscando esclarecer como o ideal de mulher materna foi construído socialmente, com a finalidade de desconstruir este conceito. Foi feito, desta forma, uma discussão de alguns elementos que corroboraram para a naturalização desta imagem, trazendo à tona não somente os determinantes sociais, como também o papel da psicanálise sobre este tema.

Freud foi, ao mesmo tempo, inovador e tradicional. Enxergou a sexualidade da mulher, sua bissexualidade, e também a sua fase fálica. Mas, ao mesmo tempo, atrelou à ela características como docilidade e passividade, e promoveu-a a um destino ideal, o de mãe. As autoras citadas neste trabalho, no entanto, correspondem à voz da mulher contemporânea, e, também do lugar de psicanalistas, se contrapõem à essa visão. Se faz necessário reconhecer a necessidade de revisitar o tema da feminilidade para a psicanálise, enxergando o contexto em que a mulher está inserida, sua individualidade e sua subjetividade.

No início da produção deste estudo, um dos primeiros obstáculos encontrados foi a dificuldade em representar de forma sintética todo o percurso da história da mulher na sociedade de forma a enfatizar a construção do ideal de mãe e o processo percorrido até que a maternidade se tornasse relacionada a um conceito imaginário de feminilidade. Buscar e filtrar os aspectos mais significativos desta história de forma resumida e clara envolveu uma tarefa difícil, pois inevitavelmente alguns elementos notáveis sobre o percurso da mulher na sociedade precisam ser deixados de fora, por não ter relação com o tema apresentado.

Outra questão recorrente no processo deste trabalho diz respeito à teoria dos autores abordados no terceiro capítulo. Apesar da importância em enfatizar o estudo dos(as) pós-freudianos(as), no trabalho teórico aqui desenvolvido a maioria das pesquisas encontradas não podem ser consideradas tão completas, didáticas e esclarecedoras quanto as obras de Freud. Os diversos autores lidos e pesquisados fazem críticas construtivas e essenciais para uma renovação da psicanálise,

essencialmente quando se trata do olhar para a mulher. No entanto, os pensamentos formulados parecem não sugerir uma mudança significativa e relevante nos determinados aspectos discutidos sobre teoria freudiana. Ou seja, existem contra-argumentos sólidos para a contraposição da teoria freudiana sobre a feminilidade, mas não tantas ideias novas.

Esta pesquisa abordou uma breve apresentação dos aspectos mais relevantes para o tema discutido, e os argumentos aqui apresentados não contemplam todo o percurso de Freud e de suas discussões sobre a feminilidade. Este trabalho representa um recorte de algumas características dos estudos de Freud e dos pós-freudianos que foram consideradas essenciais para a discussão da feminilidade e da maternidade, mas inevitavelmente alguns detalhes destes estudos acabam se perdendo, e seria utópico tentar retratar todo o significado das obras destes autores.

Por fim, considera-se que os elementos aqui apresentados se fazem importantes para uma visão pontual a respeito de um tema específico da teoria psicanalítica, e não deixa de ser essencial a continuação e a renovação dos estudos sobre a mulher e a feminilidade na psicanálise. O estudo sobre a feminilidade é enriquecedor, e proporcionou um olhar aperfeiçoado sobre a psicanálise. É necessário reconhecer que a inovação trazida à uma teoria antiga e que já não contempla mais o contexto social em que se vive na contemporaneidade é surpreendente e motiva novos estudos e a busca por aprimoramento na teoria psicanalítica.

REFERÊNCIAS:

CORREIA, Maria de Jesus. Sobre a maternidade. **Aná. Psicológica**, Lisboa , v. 16, n. 3, p. 365-371, set. 1998 . Disponível em <http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0870-82311998000300002&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 18 abr. 2018.

COUTINHO, Maria da Penha de Lima; SARAIVA, Evelyn Rúbia de Albuquerque. Depressão pós-parto: considerações teóricas. **Estud. pesquis. psicol.**, Rio de Janeiro , v. 8, n. 3, dez. 2008 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812008000300014&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 15 nov. 2017.

ESTÊVÃO, Ivan Ramos. Retorno à querela do Trieb: por uma tradução freudiana. **Cadernos de Filosofia Alemã: Crítica e Modernidade**, São Paulo, n. 19, p. 79-106, june 2012. ISSN 2318-9800. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/filosofiaalema/article/view/64855>>. Acesso em: 27 may 2018. doi:<http://dx.doi.org/10.11606/issn.2318-9800.v0i19p79-106>.

FIORINI, Leticia Glocer. As mulheres no contexto e no texto freudianos. **J. psicanal.**, São Paulo , v. 42, n. 76, p. 121-135, jun. 2009 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-58352009000100009&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 03 out. 2017.

FREUD, Sigmund. Obras completas Volume 18: O mal estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos (1930/1936). São Paulo: Companhia Das Letras, 2014.

KEHL, Maria Rita. Deslocamentos do feminino. 2ª Edição. São Paulo: Boitempo, 2016.

LOBO, Silvia. As condições de surgimento da Mãe Suficientemente Boa. **Rev. bras. psicanál**, São Paulo , v. 42, n. 4, p. 67-74, dez. 2008 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0486-641X2008000400009&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 09 jun. 2017.

MANSUR, Luci Helena Baraldo. Experiências de mulheres sem filhos: a mulher singular no plural. **Psicol. cienc. prof.**, Brasília , v. 23, n. 4, p. 2-11, dez. 2003 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932003000400002&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 14 nov. 2017.

NUNES, Silvia Alexim. Afinal, o que querem as mulheres? Maternidade e mal-estar. **Psicol. clin.**, Rio de Janeiro , v. 23, n. 2, p. 101-115, 2011 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-5665201100020007&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 26 maio 2017.

PATIAS, Naiana Dapieve; BUAES, Caroline Stumpf. "Tem que ser uma escolha da mulher"!representações de maternidade em mulheres não-mães por opção. **Psicol. Soc.**, Belo Horizonte , v. 24, n. 2, p. 300-306, Aug. 2012 . Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822012000200007&lng=en&nrm=iso>. access on 16 Mar. 2018.
<http://dx.doi.org/10.1590/S0102-71822012000200007>.

RIBEIRO, Leticia Jóia; GRANATO, Tânia Mara Marques. Caminhos do Complexo de Édipo Feminino: da proposta Freudiana à psicanálise contemporânea. In: Anais do XX Encontro de Iniciação Científica; Anais do V Encontro de Iniciação em Desenvolvimento Tecnológico e Inovação. 2015. p. 1-7.

RIOS, Maria Galvão; GOMES, Isabel Cristina. Casamento contemporâneo: revisão de literatura acerca da opção por não ter filhos. **Estud. psicol. (Campinas)**, Campinas , v. 26, n. 2, p. 215-225, June 2009 . Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-166X2009000200009&lng=en&nrm=iso>. access on 15 Nov. 2017.
<http://dx.doi.org/10.1590/S0103-166X2009000200009>.

SCAVONE, Lucila. A maternidade e o feminismo: diálogo com as ciências sociais. **Cad. Pagu**, Campinas , n. 16, p. 137-150, 2001 . Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332001000100008&lng=en&nrm=iso>. access on 14 Nov. 2017.
<http://dx.doi.org/10.1590/S0104-83332001000100008>.

SCOTT, Ana Silvia et al (Org.). **Nova história das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2012. 555 p.

SILVA, Claudionor Renato. Gênero e Psicanálise: proposições entre a teoria e a pesquisa psicanalíticas. **Revista Relicário**, v.3, n.6, jul/dez., 2016.

STEVENS, Cristina Maria Teixeira. Ressignificando a maternidade: psicanálise e literatura. **Gênero: revista do núcleo transdisciplinar de estudos de gênero**, Niteroi, v.5, n. 2, p. 65-79, 2005.